

Apresentação

O tema deste número 21 da Revista Gragoatá, *usos lingüísticos*, contempla reflexões acerca das seguintes questões: continuidade, variabilidade e mudança dos usos lingüísticos; derivação e estabilidade de sentido e de forma na língua; a expressão lingüística como história e como atualização; o passado e o presente no *continuum* das línguas; as relações entre língua, sociedade e sujeito; e relações interpessoais, tais como: negociação, polidez e conflito.

Buscando adequar-se à natureza do tema a que se dedica, a *Gragoatá* 21, no que diz respeito à ordenação dos artigos que reúne, apresenta-se organizada em forma de um *continuum*: os trabalhos voltados para o estudo de unidades lingüísticas menores ou de fenômenos mais específicos antecedem aqueles que se detêm na investigação de unidades maiores ou de fenômenos de caráter mais abrangente.

De acordo com tal disposição, o primeiro artigo, de autoria de Mário Eduardo Martelotta, trata da ordem dos advérbios qualitativos em *-mente*, nos séculos XVIII e XIX. Analisando a ordenação que caracteriza tais advérbios em cartas escritas no Brasil da época, Martelotta se propõe a demonstrar o gradual desaparecimento da tendência, já detectada em fases anteriores da evolução do português, ao posicionamento desses advérbios antes do verbo.

No artigo seguinte, de Nubiácia Fernandes de Oliveira, o centro de interesse é a estrutura argumental de construções deverbais com o sufixo *-dor*. Em seu trabalho, a autora busca examinar os processos de interação entre propriedades morfosintáticas, semânticas e pragmáticas, visando ao estabelecimento de traços gerais de interpretação caracterizadores de tais construções. Para tanto, investiga a relação entre o sufixo e a estrutura temática das bases com as quais o sufixo ocorre, focalizando, em particular, as seguintes questões: (1) em que medida a estrutura argumental da construção deverbal corresponde à estrutura argumental da base? (2) como o caso *agente* se manifesta nas construções derivadas em *-dor*?

Partindo da constatação de que, como resultado de seus processos de gramaticalização, os conectores *e*, *aí* e *então* possuem funções sobrepostas no português brasileiro, Maria Alice Tavares, à luz do suporte teórico da lingüística funcional, estuda os padrões de correlação entre *e*, *aí* e *então* e três dessas funções: *seqüenciação textual*, *seqüenciação temporal* e *introdução de efeito*. Tavares analisa dados oriundos de *As vinhas da ira*, romance escrito por John Steinbeck em 1939 (cuja tradução brasileira,

datada de 1940, apresenta marcas do dialeto usado nos anos trinta pelas classes populares do estado do Rio Grande do Sul) e de 48 entrevistas provenientes do Banco de Dados VARSUL, que foram coletadas ao longo da última década do século XX. A partir dos resultados encontrados, Tavares chega às seguintes conclusões: (1) *e*, *aí* e *então* intercalam-se na codificação da seqüenciação textual, da seqüenciação temporal e da introdução de efeito na primeira e na segunda metade do século XX; e (2) houve mudanças nos padrões de correlação função-forma, uma vez que, na década de trinta, *aí* e *então* são muito menos utilizados para codificar algumas das funções em tela do que na década de noventa.

Aspectos relativos à gramaticalização de conjunções coordenativas constituem o foco de atenção do artigo escrito por Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi. Apoiando-se no pressuposto de que fatores de ordem cognitiva e pragmática interagem para a criação de novos itens gramaticais, a autora adota uma concepção de coordenação fundamentada em critérios semântico-funcionais e busca reconstruir o percurso histórico-evolutivo da conjunção conclusiva *logo*, com base em fontes históricas do português.

Maria Luiza Braga e Maria da Conceição Paiva discutem, em seu trabalho, os empregos de *por causa (de) que*, no discurso oral, buscando identificar as equivalências e diferenças que apresentam os usos dessa locução conjuntiva em relação à conjunção prototípica *porque* e ao sintagma preposicional *por causa de* no discurso oral. Através de uma análise comparativa de algumas propriedades sintáticas e semântico-discursivas dessas três construções causais, as autoras destacam as restrições ao uso da conjunção perifrástica *por causa (de) que* e a pertinência de distingui-la da conjunção inteiramente gramaticalizada *porque*, apresentando evidências favoráveis à conclusão de que o processo de gramaticalização de uma locução conjuntiva opera inicialmente no nível representacional.

Pesquisas recentes têm abordado a gramaticalização do verbo *ir*/movimento em verbo auxiliar. O estudo realizado por Ana Lúcia dos Prazeres Costa intenta mostrar: (1) que este auxiliar não ocorre somente na expressão do futuro, mas também em variação com o futuro do pretérito; (2) que o uso da perífrase verbal com *ir* tem se tornado mais freqüente; (3) que, até a primeira metade do século XX, este auxiliar concorria com outro, *haver de*, no contexto de variação considerado. Visando à realização de um estudo de mudança em tempo real de longa duração, o material objeto de análise foi extraído de amostra constituída por peças teatrais.

No artigo de Célia Maria Medeiros Barbosa da Silva, cumprem-se os seguintes objetivos: analisar a transitividade do

verbo *fazer* em dados de textos reais (orais e escritos) e comparar o desencontro entre o conceito de transitividade puramente teórico, trabalhado pela gramática tradicional, e aquele que, no âmbito da lingüística funcional contemporânea, refere-se ao ato discursivo/comunicativo do falante. São também discutidas, com base nos resultados encontrados na análise dos dados, diversificadas possibilidades de se analisar a transitividade a partir da manifestação discursiva do verbo.

Maria Angélica Furtado da Cunha focaliza, em seu texto, a relação gramatical objeto direto sob a perspectiva funcionalista do estudo da língua. Analisa os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos relacionados ao objeto direto, tomando as propriedades sintáticas como derivadas de propriedades semânticas e sintáticas do verbo a que o objeto direto está relacionado. Os dados empíricos submetidos à análise correspondem a oito narrativas conversacionais extraídas do *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Com base nos resultados obtidos, a autora propõe um tratamento gradiente da relação gramatical em estudo, através de uma escala que ordenaria os objetos diretos de acordo com o seu grau de prototipicidade.

O artigo de autoria de Maria Beatriz Nascimento Decat apresenta uma análise de cunho funcionalista das estruturas de “ilhas” (denominação oriunda da teoria gerativista), objetivando demonstrar que as restrições estabelecidas por tais ilhas, em relação à ocorrência de constituintes em determinados lugares da estrutura, devem-se ao fato de elas constituírem, funcionalmente, “unidades de informação”, não permitindo, portanto, a extração ou movimento de constituintes para fora de seus limites.

Recorrendo a dois tipos de construção com predicados matrizes (*parecer* e *achar/crer*), diferentes no estatuto argumental da completiva (sujeito ou complemento, respectivamente) e semelhantes na codificação das atitudes subjetivas do falante (evidencial/modal epistêmico), Sebastião Carlos Leite Gonçalves mostra, em seu artigo, a tendência a gramaticalização e dessentencialização dessas construções que, segundo evidências encontradas, desvinculam-se de suas orações encaixadas e recategorizam-se como satélites atitudinais. Essa alteração sintática, observa o autor, afeta a construção complexa, que passa de biclausal para monoclausal.

Roberto Gomes Camacho ocupa-se, em seu artigo, da caracterização tipológica da passiva. Nesse sentido, desenvolve análise pautada em dados extraídos do *corpus* compartilhado do Projeto de Gramática do Português Falado, que consiste numa amostragem do material coletado pelo Projeto da Norma Urbana Culta (NURC)/Brasil, gravados com informantes cultos procedentes de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Baseando-se na noção givoniana _ segundo a qual a mul-

tifuncionalidade da voz verbal envolve três domínios funcionais: atribuição de um tópico, impessoalização e detransitivização. Camacho estabelece como principal interesse de seu trabalho o de fornecer, com base nos referidos domínios, uma caracterização escalar e não discreta para as diferentes construções de voz disponíveis na gramática do português.

O artigo de autoria de Maria Elizabeth Fonseca Saraiva examina e quantifica o grau de transitividade (segundo a acepção de THOMPSON & HOPPER, 2001) de enunciados ressoantes, isto é, enunciados proferidos por interlocutores diferentes em que se estabelece uma relação de mapeamento tanto estrutural quanto lexical. A análise é norteada por princípios da abordagem funcionalista, em seu modelo norte-americano, e os dados analisados foram extraídos de conversações espontâneas que fazem parte do banco de dados do Grupo de Estudos Funcionalistas da Linguagem (GREF).

José Romerito Silva estuda os processos de intensificação, no que diz respeito aos seus aspectos semântico-cognitivos. Para tanto, busca subsídios teóricos da Semântica Cognitiva, segundo a qual a linguagem codifica os esquemas cognitivos estruturados a partir de nossa experiência com a realidade. Essa codificação, propõe o autor, reflete combinações metafóricas existentes entre domínios de natureza mais “concreta”, adquiridos a partir do modo como conceptualizamos nossa relação com o mundo, e outros de natureza mais abstrata. A análise e os resultados encontrados têm como suporte dados extraídos do *Corpus Discurso & Gramática*, constituído de textos orais e escritos, e de textos avulsos coletados, principalmente, de jornais e revistas.

Carlos Alexandre Gonçalves, no artigo “Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português”, abre uma série de trabalhos que, a partir de perspectivas teórica e metodológica diversas, abordam a rica e complexa questão dos usos lingüísticos. Em seu texto, com base na morfologia prosódica, Gonçalves circunscreve o foco de análise aos processos não-concatenativos de formação de palavras do português brasileiro. Para tanto, o autor propõe que tais operações morfológicas sejam distribuídas em três grupos de fenômenos: afixação não-linear (reduplicação), encurtamento (truncamento e hipocorização) e fusão (mesclagem lexical e siglagem).

No texto seguinte, Ida Rebelo e Paulo Osório apresentam e analisam distintos usos do verbo *ficar* na norma brasileira do português contemporâneo. Os autores, partindo dos postulados da gramática funcional de Dik e das variadas acepções de *ficar* articuladas na comunidade lingüística do Brasil, levantam, descrevem, classificam e interpretam esses usos, levando em consideração os *moldes de predicado* e os *definidores semânticos* envolvidos nessas articulações. Em análise pautada em parâmetros semântico e funcional-pragmático, Rebelo e Osório traçam

a diversidade de usos de *ficar*, concluindo ser esta uma *forma verbal mutacional*.

Em “O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro”, Vívian Meira investiga, com base no suporte teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, a expressão do subjuntivo em construções oracionais complexas de quatro comunidades rurais afro-brasileiras do interior da Bahia. Em sua pesquisa, diferentemente dos resultados obtidos sobre o estudo desse modo verbal no português urbano do Brasil, Meira observa que o subjuntivo ganha espaço em relação ao indicativo, revelando um processo de aquisição que passa, necessariamente, por fatores de ordem morfológica e semântica. Tal condição faz com que a autora confirme a *realidade bipolarizada* do português brasileiro, fruto de duas trajetórias históricas diversas – a urbana e a rural, com suas específicas realidades linguísticas.

Angelina Aparecida de Pina, com base na linguística cognitiva e na teoria dos espaços mentais, trata do papel da mesclagem conceptual desempenhada na construção do significado do angulador do português *um tipo de*. A autora analisa sentenças articuladas por esse angulador, chegando à conclusão de que o significado de *um tipo de* depende da mesclagem conceptual que a construção incita: um mapeamento entre um espaço *input* (entidade) e um outro espaço *input* (categoria / membro mais prototípico de uma categoria), um espaço genérico, uma projeção parcial para o espaço mescla (a entidade, a categoria / membro mais prototípico de uma categoria e algumas propriedades compartilhadas) e uma estrutura emergente (categoria flexível / hiperonímia).

No artigo “Aquisição linguística sob a ótica dos modelos multirepresentacionais”, Christina Abreu Gomes, Aline Rodrigues Benayon e Márcia Cristina Pontes Vieira apresentam os resultados de três pesquisas que focalizam a aquisição da variação estruturada de padrões fonológicos por crianças do Rio de Janeiro, tendo os *modelos baseados no uso* como referencial teórico. Nessa abordagem, as autoras assumem que a variação sociolinguística é representacional, não uma regra, conforme a tradição dos estudos sociolinguísticos, e é parte do conhecimento linguístico do falante, que deve ser adquirido. Abreu, Benayon e Vieira propõem que distribuições de frequência das variantes observadas na produção das crianças por faixa etária sejam vistas como reflexos da maneira como as variantes são armazenadas e adquiridas, defendendo ainda que gradualidade e efeitos de frequência permeiam o processo de aquisição linguística.

No artigo seguinte, Cláudia Roncarati e Sílvia Regina Neves da Silva ampliam o foco de abordagem dos usos linguísticos, ao tratarem da noção de cadeia referencial na progressão textual e da questão dos usos referenciais e atributivos no processo de

construção do objeto-de-discurso. Em “A construção da referência e do sentido: uma atividade sociocognitiva e interativa”, as autoras adotam enfoque metateórico, pautando-se na teoria da referenciação de base sócio-cognitiva interativa, para identificar cadeias referenciais na progressão de três textos de gêneros diversos, na demonstração de que a construção da referência e seus mecanismos de articulação é traço constitutivo de todos os objetos-de-discurso.

Os usos discursivos, na perspectiva dos sujeitos comunicantes e interpretantes, são também objeto de investigação de Patrick Charaudeau em “Identité sociale et identité discursive, le fondement de la compétence communicationnelle”. Aqui o autor destaca a complexidade de que se reveste a questão da identidade, tanto a social quanto a discursiva, que resulta do entrecruzamento de uma série de fatores ou motivações. A par da diversidade apontada, Charaudeau destaca a tensão entre o caráter multifacetado da identidade e a tentativa de fazê-la uma e essencial.

A complexidade e a subjetividade dos usos lingüísticos é abordada por Décio Rocha no artigo “Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem”. O autor, a partir do conceito de *cenografia* de Maingueneau, analisa declarações concedidas pelo presidente Bush imediatamente após o 11 de setembro de 2001. Com base no duplo papel da linguagem – representação e intervenção, Rocha levanta, descreve e interpreta as marcas lingüísticas do discurso presidencial norte-americano em sua articulação relacional entre o *sujeito* e o *mundo*, problematizando ainda as conexões entre *identidade* e *alteridade*.

No último artigo, “Um ethos para Hércules – considerações sobre a produção dos sentidos no tratamento editorial de textos”, Luciana Salazar Salgado aborda o tema dos usos lingüísticos numa feição distinta dos demais. A autora, com base em Maingueneau, discute a questão da autoria e seu processo de constituição, analisando excertos de tratamento editorial de uma versão dos *Doze Trabalhos de Hércules*, nos quais alterações sutis da cenografia discursiva alteram o ethos que dela participa, matizando o mito. Salgado enfatiza que, para a reflexão sobre a produção editorial e para uma prática de edição proveitosa, é necessário compreender a maneira pela qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e lêem.

Jussara Abraçado e Mariangela Rios de Oliveira